

## RESUMO

O presente trabalho busca identificar as principais características do setor cultural no Brasil. Para tal fim, foram analisadas as nove principais regiões metropolitanas do país, acrescidas do município de Brasília, sob as óticas das localidades e das ocupações. Num primeiro momento, busca-se caracterizar as localidades de acordo com seu “ambiente cultural”, através de uma análise de agrupamentos (*clusters*) com base em dados do Suplemento da Cultura da Pesquisa de Informações Municipais de 2006 do IBGE. Num segundo passo da análise, são investigados os principais determinantes dos rendimentos dos trabalhadores do setor cultural, através de um conjunto de regressões mincerianas e quantílicas com dados do Censo Demográfico de 2000. Como principais resultados, destacam-se: 1) as capitais, acompanhadas de alguns municípios de parte das RM's, constituem o grupo de melhor ambiente cultural da amostra, e a única diferença regional significativa sobre os rendimentos no setor cultural ocorre entre residir nos municípios desse grupo ou não; 2) o grupo de trabalhadores das artes performáticas (diretos e indiretos) é o que parece apresentar maior rendimento, seguido dos escritores, mídia e comunicação e artes visuais; o artesanato é a ocupação de menor rendimento; 3) os retornos da educação são menores quando se enfatiza os extremos da distribuição, enquanto o efeito da formalidade decresce ao longo da distribuição e a discriminação de gênero cresce.

Palavras-chave: Economia da cultura, setor cultural

## ABSTRACT

This paper aims to identify the main characteristics of the cultural sector in Brazil. The sample is composed by nine metropolitan regions and the federal capital, Brasília. In the first part, we use a cluster analysis to classify the municipalities according to its cultural amenities, using data of the Research of Municipalities of the Brazilian Institute of Geography and Statistics (IBGE) from year 2006. In the second part, we use some mincerian and quantile regressions to identify the main determinants of the earnings of the cultural workers, using the Demographic Census from 2000. The principal results are: 1) the capitals of states and some other municipalities have the best cultural amenities among the sample and the only significant difference between the earnings due to localization is given by living in these group of municipalities or not; 2) the workers from performatic arts have the biggest earnings, followed by writers and professionals of communication and visual arts, while handcrafting has the smallest earnings; 3) when the extremes of the earnings' distribution are emphasized, the returns of education are lower; the effect of formality decreases along the distribution, while the gender discrimination rises.

Keywords: Cultural economics, cultural sector

Área 9 - Economia Regional e Urbana  
Classificação JEL: R19

---

\* Mestranda em Economia pelo Cedeplar-UFMG. E-mail: [sibelled@cedeplar.ufmg.br](mailto:sibelled@cedeplar.ufmg.br); [sibelled@gmail.com](mailto:sibelled@gmail.com).

\* A autora agradece ao colega Daniel Jones Viglione Monteiro e à professora Ana Maria Hermeto Camilo de Oliveira pela preciosa colaboração a este trabalho.

## 1 INTRODUÇÃO

Recentemente, a cultura passou a ser um tema relevante nos debates econômicos, por sua importância em termos de geração de empregos e renda e pelas implicações do crescimento do setor cultural para o desenvolvimento econômico das regiões.

O presente trabalho busca identificar as principais características do setor cultural no Brasil. Para tal fim, foram selecionadas nove regiões metropolitanas do país - Belém, Recife, Fortaleza, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba e Porto Alegre -, acrescidas do município de Brasília.

Num primeiro momento, busca-se caracterizar as localidades de acordo com seu “ambiente cultural”. Para tanto, é realizada uma análise de agrupamentos (ou *clusters*) para o conjunto de municípios componentes da amostra, com o fim de classificá-los de acordo com as características de sua política cultural, a existência de atividades e grupos artísticos e o equipamento cultural municipal.

Num segundo passo da análise, busca-se analisar as ocupações culturais nas referidas localidades: são investigados os principais determinantes do rendimento dos trabalhadores do setor cultural, através de um conjunto de regressões mincerianas. São apresentadas ainda regressões quantílicas da equação de rendimentos, com a finalidade de verificar se os determinantes dos rendimentos variam ao longo da distribuição destes.

## 2 A CULTURA SOB O PRISMA DA ECONOMIA

A cultura é tratada no âmbito acadêmico sob os mais diversos prismas, de acordo com os interesses de pesquisa e o escopo das ciências, determinados pela própria evolução de cada disciplina no tempo. Entre os enfoques mais recorrentes, temos o da antropologia, que trata a cultura no sentido amplo das realizações humanas<sup>1</sup>.

A chamada “economia da cultura” trata da expressão simbólica da cultura de uma sociedade: são os chamados produtos culturais, materializados na forma de bens, serviços e manifestações culturais. A cultura é entendida aqui, portanto, como a manifestação artística da cultura no sentido antropológico. Nessa abordagem, as ferramentas da economia são utilizadas com o fim de avaliar a importância econômica da cultura do ponto de vista da geração de renda e empregos, bem como subsídios para políticas públicas na área da cultura. São analisadas as relações de oferta, distribuição e demanda culturais, identificadas falhas de mercado e restrições individuais que limitam o acesso e o consumo de bens culturais, entre outros.

O estudo pioneiro no campo da Economia da Cultura foi o de Baumol e Bowen (1969). Tal trabalho, resultante de uma consultoria contratada pela Fundação Ford<sup>2</sup>, buscava analisar o setor de teatros e de apresentações ao vivo na Broadway. O estudo, denominado *Performing arts: the economic dilemma*, defende o subsídio às artes pelo fato de as atividades artísticas serem intensivas em trabalho: ao contrário de outros setores, nos quais o emprego intensivo da tecnologia gera ganhos de produtividade e conseqüente redução dos custos, as organizações culturais tinham seus custos relativos progressivamente mais elevados. A impossibilidade de se obter ganhos de produtividade nas atividades fundadas no corpo e na presença de artistas é dada pela impossibilidade de reprodução ao infinito do espetáculo (desgaste dos artistas, fadiga humana), pela falta de rentabilidade de certos gastos em séries curtas (cenários, salários de

---

\* Mestranda em Economia pelo Cedeplar-UFGM. E-mail: [sibelled@cedeplar.ufmg.br](mailto:sibelled@cedeplar.ufmg.br); [sibelled@gmail.com](mailto:sibelled@gmail.com).

<sup>1</sup> O termo cultura foi utilizado pela primeira vez, num sentido antropológico, por Tylor em 1871. O autor reuniu no vocábulo inglês “culture” dois termos do final do século XVIII e início do XIX: a expressão germânica “kultur”, que era utilizada para simbolizar todos os aspectos espirituais de uma comunidade, e a palavra francesa “civilization”, que se referia principalmente às realizações materiais de um povo: “tomado em seu amplo sentido etnográfico, [a cultura] é este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade” (TYLOR, 1958). Atualmente, há divergência na literatura antropológica sobre o conceito de cultura e as formas de análise desta. Para mais, ver Laraia (2007).

<sup>2</sup> Tal fundação, responsável pela viabilidade financeira de uma série de orquestras e espetáculos de balé e ópera nos Estados Unidos, desejava compreender os custos crescentes das produções, bem como o fechamento de muitos teatros por falta de recursos.

artistas consagrados, etc) e pela impossibilidade de praticar preços cada vez mais altos. As conclusões do trabalho, obviamente, atenderam aos interesses de uma série de associações e instituições ligadas à cultura na época.

Ao enfatizar as especificidades do setor cultural e o papel do Estado no fomento desse setor, esse primeiro exercício teórico abriu caminho para os trabalhos sobre economia da cultura, que se multiplicaram na década de 1970. Entre vários enfoques, destacou-se o da microeconomia, inspirado nos trabalhos de Lancaster (1991), Becker (1978) e Stigler (1961), que procuraram elucidar a questão das condutas por meio dos gastos culturais.

A partir de 1975, com a criação do *Journal of Cultural Economics*, e sobretudo na década de 1990, acelera-se a produção de estudos acerca da contribuição das indústrias culturais e do mercado da arte e do entretenimento para a economia. Reis (2007) coloca as pressões políticas e sociais que preencheram os debates culturais nessa década como o principal fator colaborador dessa aceleração. Foram causas dessas pressões: a conscientização de que as atividades culturais e os setores pautados pela criatividade estavam em franca expansão; a inquietação quanto à supremacia da indústria cultural dos Estados Unidos no mundo (sob os aspectos ideológico e econômico); a escassez de recursos para a área da cultura, fazendo com que sua distribuição fosse disputada entre os grupos sociais; a crescente demanda social por projetos de regeneração de áreas degradadas e de recuperação social; entre outros (REIS, 2007).

A despeito dos avanços realizados no campo da Economia da Cultura, esta ainda se caracteriza por grande dispersão, escassez de dados atualizados e dificuldades de amarrar os níveis da microeconomia e da macroeconomia (TOLILA, 2007).

### **3 A IMPORTÂNCIA DO SETOR CULTURAL PARA O DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO**

A cultura é vista por uma série de autores como um fator positivo para o desenvolvimento econômico. Nesse sentido, defende-se a importância desse tipo de atividade, por sua capacidade de geração de empregos e renda, pelos seus efeitos multiplicadores sobre outros setores da economia e, ainda, pela sua relação com a formação de capital humano, fator determinante do posicionamento de um país/região em uma economia competitiva.

No que tange à geração de emprego e renda, vários estudos mostram a importância do setor cultural em relação ao total da economia, em termos de PIB e ocupações, em diversos países e regiões. De acordo com dados da Unesco, em alguns países europeus o setor cultural representa 3% do produto interno bruto, enquanto na Argentina, esse índice é de 5%. Nos Estados Unidos, a indústria do audiovisual é a segunda mais importante na composição do PIB (MONTEIRO, 2006). Outro fato a ser notado sobre o setor cultural é o efeito multiplicador de suas atividades sobre os demais setores da economia (MARKUSEN ET AL, 2008).

Além da importância expressível por meio de números, as atividades de cultura exercem efeitos estruturais sobre o desenvolvimento das localidades: o efeito turístico que permite fidelizar, prolongar estadias na região e fazer evoluir a clientela; o efeito de notoriedade da imagem, com possibilidade de regeneração de áreas degradadas; o efeito de identidade que mantém ou mesmo atrai população jovem e qualificada, etc. (MARKUSEN e KING, 2003; MARKUSEN e SCHROCK, 2006).

Uma outra abordagem salienta a capacidade das atividades e bens culturais de influenciarem a formação de capital humano em uma localidade ou país. Numa economia em que a competitividade é em grande parte fundada na inovação, é essencial a formação de forças produtivas adaptadas a esses padrões de competitividade. Nesse sentido, as práticas culturais, como atividades altamente simbólicas, isto é, atividades que apelam para as capacidades intelectuais e emocionais dos indivíduos, participam, em conjunto com a educação e a pesquisa científica, na formação de um sistema de conhecimentos que permite aos agentes econômicos serem eficazes na antecipação e na interpretação das informações. Em última instância, a atividade cultural está diretamente envolvida na construção de um capital humano capaz de promover evoluções, criações, antecipação e mobilização (TOLILA, 2007).

Outra contribuição da cultura na determinação da capacidade do trabalhador está no seu papel de recreação, refreando a fadiga mental a que a força de trabalho está crescentemente submetida, e que tem conseqüências sobre a produtividade.

Por esses motivos, um “ambiente cultural” rico e diversificado pode ser entendido como um insumo ao desenvolvimento regional, o que justifica a importância de se estudar o setor cultural e suas relações com a economia das localidades.

Por outro lado, um enfoque baseado nas localidades corre o risco de subestimar a importância dos artistas ou trabalhadores criativos para a economia. Markusen e Schrock (2006) defendem uma abordagem com foco nos artistas, que se justifica por algumas peculiaridades desses trabalhadores: em primeiro lugar, as altas taxas de auto-emprego destes profissionais; em segundo, o fato de suas atividades gerarem opções de entretenimento e consumo internas às localidades, permitindo que a renda gerada circule dentro da própria região. Além disso, os artistas tendem a gastar parte de sua renda em produtos artísticos locais, contribuindo para o multiplicador interno da atividade.

O presente trabalho busca, portanto, analisar o setor cultural com duas ênfases: nas localidades e nas ocupações. A seguir, é apresentada uma breve revisão dos trabalhos já realizados no Brasil sobre o tema.

#### **4 O SETOR CULTURAL NO BRASIL**

No Brasil, os primeiros interesses no desenvolvimento do setor cultural surgiram na década de 1980, quando o então ministro da cultura, Celso Furtado, apontou para a necessidade de contemplar a dimensão econômica da produção de bens culturais (SANTANA e SOUZA, 2001, citado por MONTEIRO, 2006). A partir de então, a Fundação João Pinheiro (FJP) realizou o primeiro estudo que buscava investigar o mercado cultural brasileiro, intitulado *Economia da Cultura: reflexões sobre as indústrias culturais no Brasil* (1988).

Estudo mais recente feito pela Fundação João Pinheiro - o *Diagnóstico dos Investimentos em Cultura no Brasil* (1998) – estimou que a produção cultural brasileira, no ano de 1994, representava 0,8% do PIB. Ademais, para cada um milhão de reais gastos em cultura, 160 postos diretos e indiretos eram criados (SANTANA e SOUZA, 2001, citado por MONTEIRO, 2006). A pesquisa revela que em 1997, de acordo com os únicos dados confiáveis disponíveis na ocasião, a produção cultural brasileira já movimentava 6,5 bilhões de reais, o que corresponde a cerca de 1% do PIB brasileiro.

Silva (2007) apresenta um conjunto de análises sobre o setor cultural no Brasil na década de 1990 e início dos anos 2000. Utilizando dados da PNAD (Pesquisa Nacional por Amostragem Domiciliar do IBGE), conclui que em 1992 o mercado cultural no Brasil ocupava 3 milhões e 339 mil pessoas em 1992, número que subiu para 4 milhões e 300 mil em 2001. A participação desse mercado no número total de ocupações subiu de 5,1% para 5,8% no mesmo período, mostrando um dinamismo acima do verificado no mercado de trabalho total. A definição de Silva (2007) do setor cultural, no entanto, inclui os ocupados com educação, que equivalem a 56,8% do total do grupo na média do período. Excluindo-se o setor educacional, o setor cultural contava com 1 milhão e 469 mil pessoas em 1992 e 1 milhão e 930 mil em 2001<sup>3</sup>. A participação desse setor cresceu de 2,2% para 2,6% nesse período.

A importância do setor cultural é medida por Silva (2007) também sob a ótica do dispêndio. Utilizando dados da POF (Pesquisa de Orçamentos Familiares do IBGE), o autor conclui que os dispêndios culturais das famílias brasileiras atingiram R\$ 31,9 bilhões em 2002, aproximadamente 3% do total de gastos familiares totais e 2,4% do PIB brasileiro<sup>4</sup>.

De acordo com a classificação aqui adotada para as ocupações culturais, esses trabalhadores equivalem a cerca de 1,8% do total de ocupados na amostra composta pelas nove principais regiões metropolitanas brasileiras e o município de Brasília.

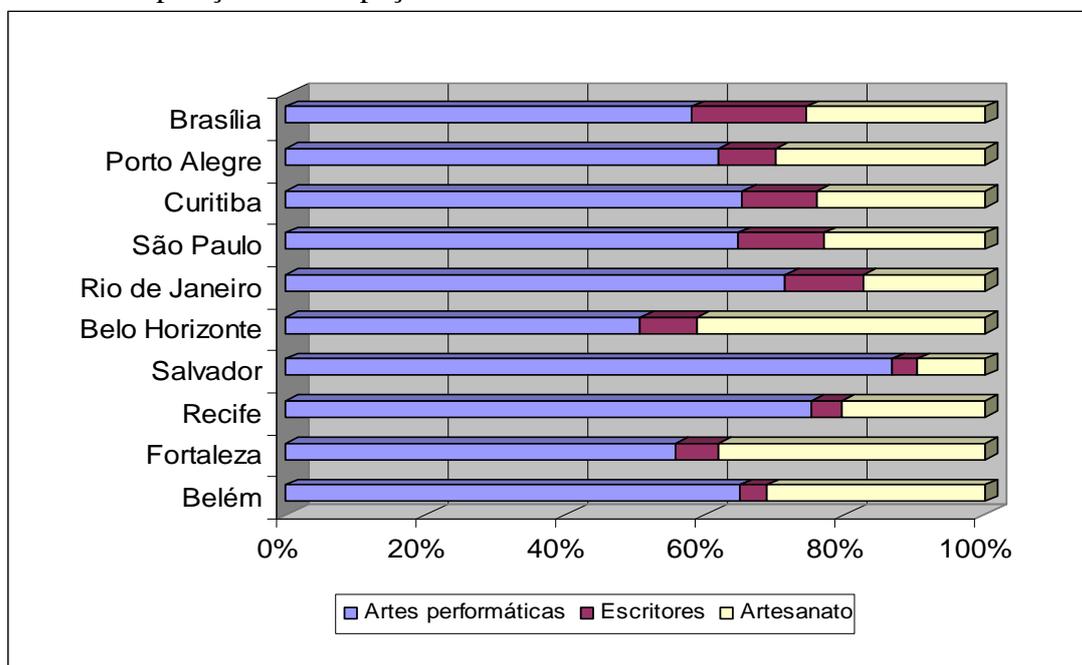
Os gráficos 1 e 2 mostram uma composição dessas ocupações dentro das RM's analisadas. Como se pode observar, a composição das ocupações é bastante diferente entre elas. Dentro do grupo dos trabalhadores diretos, nota-se a predominância dos trabalhadores das artes performáticas em todas as RM's, especialmente nas do Nordeste. Já o grupo de escritores tem participação maior nas RM's do Sudeste, enquanto o artesanato ocupa relativamente mais pessoas na RM de Belo Horizonte, Fortaleza e Belém. Essas diferenças regionais também se verificam quando se analisa o total de trabalhadores do setor cultural. As divergências encontradas para a composição das ocupações entre as RM's também se

<sup>3</sup> Na definição de Silva (2007) de setor cultural foram incluídas ainda atividades relacionadas ao esporte, o que, assim como ocorre com educação, não foi feito na presente análise, como mais bem descrito na próxima seção.

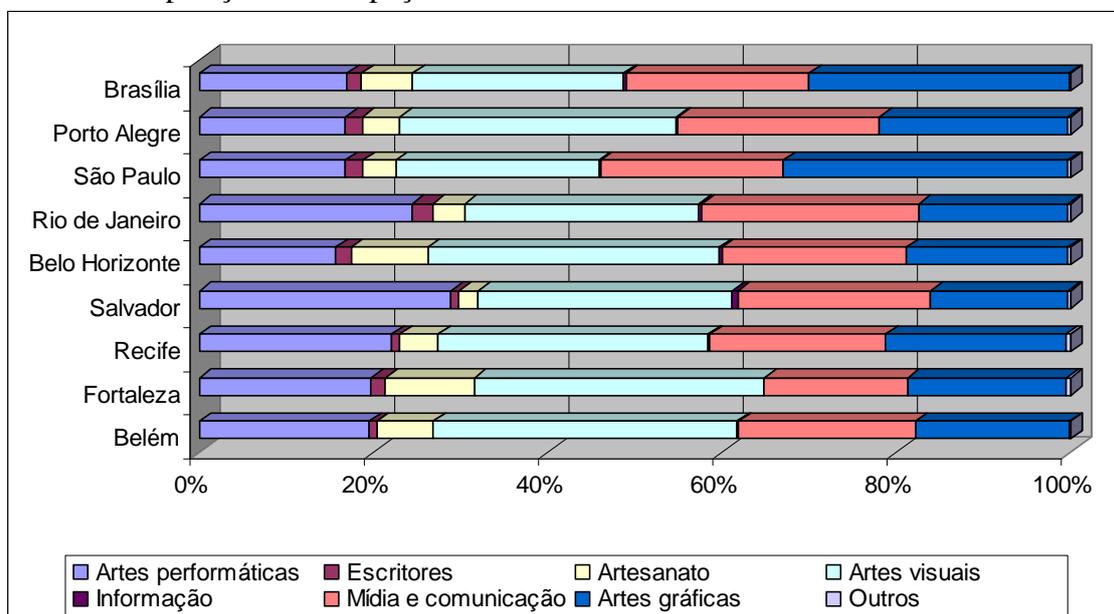
<sup>4</sup> Neste trabalho, Silva (2007) incorpora como dispêndios culturais despesas com microinformática e com livros não-didáticos, o que não se adequa à definição adotada no presente trabalho.

verificam no que toca à formalidade do emprego e ao rendimento. Essas divergências, bem como aquelas relacionadas às amenidades culturais dessas localidades, justificam uma análise mais profunda do setor. Por isso, o presente trabalho busca caracterizar o setor cultural no Brasil nos anos recentes. Na seção seguinte encontra-se uma descrição da metodologia utilizada.

**GRÁFICO 1**  
Composição das ocupações nas RM's - trabalhadores diretos da cultura



**GRÁFICO 2**  
Composição das ocupações nas RM's – total de trabalhadores da cultura



## 5 METODOLOGIA

O presente trabalho busca caracterizar o setor cultural no Brasil sob as óticas das localidades e das ocupações. A primeira parte da análise se dedica à classificação das localidades em estudo de acordo com seu “ambiente cultural”. Na segunda parte, são analisados os determinantes dos rendimentos dos trabalhadores do setor cultural nessas localidades.

A amostra analisada é composta pelos municípios componentes das seguintes regiões metropolitanas: Belém, Fortaleza, Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba e Porto Alegre.

Além dessas RM's, foi incluído na análise o município de Brasília, que apesar de não constituir em si uma RM, sofreu um processo de grande crescimento nas décadas recentes.

A escolha por analisar regiões metropolitanas está no fato de grande parte da literatura enfatizar a concentração da atividade artística nos centros urbanos. De fato, as cidades podem ser compreendidas como locais preferenciais de localização de certas atividades, por serem propícias aos intercâmbios de bens materiais, e, principalmente, de conhecimento e idéias (JACOBS, 1969; STORPER E VENABLES, 2001). Por esse motivo, os artistas tendem a preferir residir nesses centros urbanos, facilitando o acesso aos bens culturais pelos moradores dessas localidades (MARKUSEN, 2006).

### 5.1 Análise de *clusters*

O primeiro exercício realizado consistiu na tentativa de classificar as localidades em estudo de acordo com suas características culturais. Para tanto, foi utilizada uma análise de agrupamentos ou *clusters*. A análise de *clusters* tem por objetivo dividir os elementos de uma amostra em grupos de modo que a variabilidade das informações seja mínima dentro dos grupos e máxima entre os grupos. A técnica utilizada para os dados em estudo é o método não-hierárquico *k-means*.

No método *k-means*, cada elemento amostral é alocado junto ao *cluster* cujo centróide (vetor de médias amostral) é o mais próximo do vetor de valores observados para o respectivo elemento (MINGOTI, 2005). O processo de partição é realizado a partir de *k* centróides iniciais, chamados de “sementes” ou “protótipos”, com os quais cada elemento amostral é comparado. Os elementos são então agrupados de acordo com sua proximidade aos centróides. A partir dos novos conglomerados formados são definidos novos centróides e o processo se repete até que nenhuma realocação seja necessária, ou seja, todos os elementos amostrais estejam “bem alocados”. A escolha das sementes pode ser aleatória ou definida pelo pesquisador, sendo que neste trabalho foi definida a escolha aleatória.

A comparação entre os elementos amostrais e os centróides são realizadas por meio de alguma medida de distância ou similaridade. Devido à estrutura dos dados utilizados, a medida de similaridade adotada foi o coeficiente de concordância simples. Dados os vetores de características para cada elemento amostral, essa medida compara dois elementos amostrais pelo número de pares concordantes do tipo (1 1) ou (0 0) em relação ao total de pares. Sendo *a* o número de concordâncias do tipo (1 1) e *d* o número de concordâncias do tipo (0 0), o coeficiente de similaridade entre duas observações é dado por  $\frac{a+b}{a+b+c+d}$ , onde *b* é o número de pares (0 1) e *d* o número de pares (1 0). Tal medida dá peso igual às concordâncias dos tipos (1 1) e (0 0) (JOHNSON e WICHERN, 1998).

Uma desvantagem das técnicas não-hierárquicas é que elas necessitam da definição *a priori* do número de agrupamentos desejados (no nosso caso, foram definidos cinco grupo). Por outro lado, essas técnicas têm a vantagem de permitir a realocação de elementos dentro dos agrupamentos já formados.

### 5.2 Regressões mincerianas

Em 1974, Mincer (1974) propôs um método econométrico para medir o retorno da educação sobre os salários dos indivíduos. O modelo original tem como variável dependente o logaritmo dos rendimentos individuais e como variáveis explicativas um termo linear de educação e um termo linear e um termo quadrático de experiência. Como experiência é uma variável de difícil mensuração, Mincer propôs o uso da experiência potencial, medida pelos anos de idade do indivíduo menos 6, que seria a idade com que o indivíduo entrou na escola. O termo quadrático captaria a relação côncava dos rendimentos com relação à experiência. Essa relação ficou conhecida como equação minceriana.

A equação minceriana é utilizada por outros autores incorporando-se como variáveis explicativas termos de ordem mais elevada para as variáveis originais, além de características de controle, como raça, gênero, condição na família (chefe ou não-chefe) e *dummies* ocupacionais e regionais. A inclusão dessas variáveis pode levar a melhores especificações do modelo original de Mincer.

No presente trabalho, foram testadas várias especificações para as equações mincerianas. O objetivo é estimar os efeitos, além da educação e da experiência, de outras características do indivíduo (raça, gênero, condição na família, formalidade do emprego, ocupação e localização regional) sobre seu salário. Foram estimadas regressões para o total de ocupados na amostra em estudo e somente para os ocupados com cultura. O método de estimação foi o de mínimos quadrados ordinários para uma dimensão temporal.

Como tratado em Cameron e Trivedi (2005) e Wooldridge (2006), a forma funcional de uma regressão de salários como a estimada pode sofrer de um problema de endogeneidade devido à possível correlação entre as variáveis de educação e variáveis omitidas do modelo, presentes no termo de erro, como habilidade do indivíduo. A existência desse problema leva a estimadores viesados e inconsistentes, o que faz necessário um novo método de estimação, o método das variáveis instrumentais ou mínimos quadrados de dois estágios. No entanto, a ausência de instrumentos adequados na base de dados utilizada levou à não-estimação por esse método.

### 5.3 Regressões quantílicas

As regressões quantílicas constituem uma alternativa à estimação por MQO. Sua estimação provê uma melhor caracterização dos dados em análise, pois permite explorar a forma da distribuição da variável dependente condicional às explicativas.

A estimação das regressões quantílicas consiste em minimizar a seguinte condição:

$$Q_N(\beta_q) = \sum_{i: y_i \geq x_i' \beta_q} q |y_i - x_i' \beta_q| + \sum_{i: y_i < x_i' \beta_q} (1-q) |y_i - x_i' \beta_q|,$$

onde  $0 < q < 1$  é o quantil de interesse. O estimador consiste, portanto, numa minimização da soma ponderada dos desvios absolutos. Quando  $q=0,5$ , a regressão é chamada de regressão mediana e a estimação corresponde à minimização da soma dos resíduos absolutos. Por esse motivo, a regressão mediana é menos sensível à presença de *outliers* que a estimação dos MQO (que minimiza a soma dos quadrados dos resíduos).

Por dar pesos diferentes a determinadas partes da distribuição condicional de  $y$ , a regressão quantílica possibilita controlar para a heteroscedasticidade dos resíduos. Outra vantagem com relação aos MQO é que, em relação a modelos não-lineares e/ou viesados com resíduos não-normais, as estimativas da regressão quantílica são mais eficientes. Ademais, segundo Cameron e Trivedi (2005), os estimadores da regressão quantílica podem ser consistentes sob hipóteses estocásticas mais fracas que as do método de MQO.

Em geral, a computação dos parâmetros das regressões quantílicas é realizada através de métodos de programação linear, visto que a função-objetivo é não-diferenciável. A estimação dos desvios-padrão é difícil quando os resíduos não são homoscedásticos; Cameron e Trivedi (2005) recomendam que essa estimação seja feita pelo método de *bootstrapping*.

O objetivo do uso da regressão quantílica neste trabalho é verificar as diferenças nas respostas da variável dependente (o logaritmo do salário) a mudanças nos regressores ao longo da distribuição condicional do regressando. Serão estimadas as regressões correspondentes aos quantis 0,10; 0,25; 0,50 (regressão mediana), 0,75 e 0,90.

### 5.4 Variáveis utilizadas

As variáveis utilizadas na definição dos *clusters* são oriundas do Suplemento de Cultura da Pesquisa de Informações Básicas Municipais - MUNIC - do IBGE de 2006. Nesse Suplemento, foram investigados aspectos relativos à gestão municipal – tipo e infra-estrutura do órgão gestor da cultura no município, recursos humanos da cultura na prefeitura, instrumentos de gestão utilizados, legislação, existência e funcionamento de conselhos, existência e características de Fundo Municipal de Cultura, recursos financeiros, existência de Fundação Municipal de Cultura, ações, projetos e atividades desenvolvidas - assim como o levantamento dos meios de comunicação e da existência e, em alguns casos, da quantidade de equipamentos e atividades culturais e artísticas existentes no município (IBGE, 2007).

A Pesquisa de Informações Básicas Municipais - MUNIC é realizada anualmente pelo IBGE, e investiga prioritariamente questões relativas à gestão municipal em seus mais diferentes aspectos. A partir de 2002, a pesquisa incorporou suplementos temáticos que ampliaram o seu escopo. Nos anos de 1999, 2001 e 2005 foi incorporado ao corpo básico da pesquisa um bloco referente à existência de equipamentos culturais no município.

A partir de 2004, com a firmação de um convênio do Ministério da Cultura com o IBGE, o bloco de cultura da MUNIC, além da investigação sobre equipamentos culturais e existência de Conselhos Municipais de Cultura, trouxe um levantamento sobre atividades artísticas e artesanais presentes nos municípios (IBGE, 2007). Devido ao maior detalhamento do Suplemento de Cultura referente a 2006, optou-se por utilizar esses dados.

Do conjunto de variáveis presentes no Suplemento da Cultura da MUNIC, foram selecionadas para o agrupamento dos municípios em *clusters* três grandes grupos de variáveis, apresentados no quadro abaixo.

### QUADRO 1

Variáveis utilizadas no agrupamento das localidades de acordo com seu ambiente cultural

GRUPO	VARIÁVEL
Variáveis referentes ao órgão gestor da cultura e suas atividades	Órgão gestor exclusivo da cultura: Fundação pública ou Secretaria Municipal exclusiva (valor 1), Secretaria Municipal em conjunto com outras políticas, setor subordinado diretamente à chefia, setor subordinado a outra Secretaria ou não possui estrutura específica (valor 0);
	Existência de política municipal de cultura;
	Adesão do município ao Sistema Nacional de Cultura;
	Existência de legislação municipal de fomento à cultura - incentivos fiscais à pessoa física;
	Existência de legislação municipal de fomento à cultura - financiamento público;
	Existência de legislação municipal de fomento à cultura – outros;
	Existência de legislação municipal de proteção ao patrimônio cultural;
	Existência de Conselho Municipal de Cultura;
	Despesa realizada da Função Cultura (em relação à arrecadação municipal) no exercício de 2005 <sup>5</sup> ;
	Existência de projeto de implementação de turismo cultural;
	Houve, nos últimos 5 anos, financiamento ou patrocínio da produção de filmes pelo poder público municipal;
	Houve, nos últimos 5 anos, financiamento ou patrocínio de montagem de peças teatrais pelo poder público municipal;
	Houve, nos últimos 5 anos, financiamento ou patrocínio de publicações culturais pelo poder público municipal;
	Houve, nos últimos 5 anos, financiamento ou patrocínio de festas populares pelo poder público municipal;
	Houve, nos últimos 5 anos, financiamento ou patrocínio de outros eventos na área da cultura pelo poder público municipal;
	Variáveis relacionadas à existência de atividades culturais e de grupos artísticos
Existência de concurso de cinema;	
Existência de concurso de cordel;	
Existência de concurso de dança;	
Existência de concurso de fotografia;	
Existência de concurso de literatura;	
Existência de concurso de música;	
Existência de concurso de dramaturgia;	
Existência de concurso de vídeo;	
Existência de outros concursos;	
Existência de festival de cinema;	
Existência de festival de dança;	
Existência de festival de gastronomia;	
Existência de festival de música;	
Existência de festival de teatro;	
Existência de festival de manifestação tradicional popular;	
Existência de festival de vídeo;	
Existência de outros festivais;	
Existência de feira de artes e artesanato;	
Existência de feira de livros;	
Existência de feira de moda;	
Existência de exposição de artes plásticas;	
Existência de exposição de artes visuais;	

<sup>5</sup> Por fins práticos, a variável relativa à despesa da função cultura em relação à arrecadação municipal foi categorizada em quatro grupos, dando origem a quatro variáveis binárias: 1) valores abaixo da média; 2) valores acima da média em até 2 desvios-padrões; 3) valores acima da média de 2 a 4 desvios-padrão ;4) valores acima da média em mais de 4 desvios-padrões.

	Existência de exposição de artesanato;
	Existência de exposição de acervo histórico;
	Existência de exposição de fotografia;
	Existência de outras exposições;
	Existência de grupo de teatro;
	Existência de grupo ligado a manifestação tradicional popular;
	Existência de cineclube;
	Existência de grupo de dança;
	Existência de grupo musical;
	Existência de orquestra, banda ou coral
	Existência de associação literária;
	Existência de circo;
	Existência de escola de samba ou bloco carnavalesco;
	Existência de grupo artístico relacionado às artes plásticas e visuais;
	Existência de grupo artístico relacionado ao artesanato;
	Existência de outros grupos culturais;
Variáveis relacionadas ao equipamento cultural do município	Existência de biblioteca pública;
	Existência de museu;
	Existência de teatro ou sala de espetáculo;
	Existência de centro cultural;
	Existência de estádio ou ginásio poliesportivo;
	Existência de cinema;
	Existência de jornal ou revista impressa localmente;
	Existência de rádio local (AM ou FM);
	Existência de televisão ou rádio comunitária;
	Existência de provedor de Internet;
	Número de canais de televisão aberta captados no município <sup>6</sup> ;
	Existência de shopping center;
	Existência de livreria;
	Existência de videolocadora;
	Existência de loja de discos, CD's, fitas e DVD's.

Com essas variáveis, busca-se caracterizar o ambiente cultural das localidades, ressaltando três dimensões: a dimensão política, atendida pelas variáveis referentes ao órgão gestor da política cultural e suas atividades; a dimensão de oferta de bens e serviços culturais, captada pelas variáveis relativas à existência de atividades culturais e grupos artísticos; e a dimensão de infra-estrutura, captada pelas variáveis referentes ao equipamento cultural do município, determinante, em última instância, da produção, divulgação e reprodução dos bens e serviços culturais.

É importante ressaltar, no entanto, as dificuldades da estimação proposta. Em primeiro lugar, pode-se duvidar da qualidade dos dados: visto que eles são respondidos pelo órgão gestor da cultura no município, pode ocorrer um viés positivo ou negativo das respostas<sup>7</sup>. Um segundo ponto é a dificuldade inerente a qualquer quantificação: os números nunca são capazes de expressar uma totalidade de fatores sociais, políticos e econômicos de um fenômeno. No caso da cultura, esse fator é potencializado, pois grande parte do que determina o ambiente cultural não é quantificável (por exemplo, a existência ou não de atividades folclóricas em uma localidade nada diz sobre o significado em termos de cidadania e reiteração de identidade daquela atividade para a vida das pessoas envolvidas). O que se busca, portanto, é uma aproximação da realidade, levando em conta todas as dificuldades envolvidas nesse processo.

Na segunda parte da estimação, foram utilizados microdados do Censo Demográfico 2000 para a estimação das regressões mincerianas e dos diferenciais de rendimentos. O Censo foi escolhido, em detrimento de pesquisa mais recentes como a PNAD ou a PME, devido à sua maior abrangência. Como os trabalhadores da cultura correspondem a uma pequena parcela do total de ocupados no Brasil, optou-se por utilizar dados menos atuais, no entanto mais precisos, sobre esses trabalhadores.

<sup>6</sup> Assim como a variável de despesa, a variável número de canais de televisão aberta captados pelo município foi dicotomizada, assumindo valor 1 para números acima da média e 0 em caso contrário.

<sup>7</sup> O viés positivo seria oriundo da tendência do órgão gestor de “inflar” as estatísticas, de modo a divulgar políticas e resultados não-observados na realidade. Já o viés negativo diz respeito à incapacidade do respondente de conhecer a totalidade das informações sobre o município em questão, levando a respostas subestimadas.

A classificação dos trabalhadores como pertencentes ao setor cultural foi feita inspirada em Throsby (2001) e Markusen et al (2008). Throsby (2001) define três características básicas das atividades a que a concepção de cultura se refere: 1) essas atividades envolvem algum tipo de criatividade na sua produção; 2) elas estão relacionadas à geração e comunicação de significado simbólico; 3) seu produto envolve, pelo menos potencialmente, alguma forma de propriedade intelectual. Já Markusen et al (2008) propõem uma definição das ocupações em dois grupos: os trabalhadores diretos, que constituiriam o “núcleo” da economia cultural (aqueles que produzem de fato um bem ou produto cultural) e os trabalhadores indiretos ou “periferia” do setor cultural, constituído por aqueles que contribuem para a finalização, divulgação ou distribuição de um bem ou serviço cultural. A classificação utilizada neste trabalho, feita com base na Classificação Brasileira de Ocupações, encontra-se no quadro abaixo.

## QUADRO 2

Definição dos trabalhadores culturais de acordo com a Classificação Brasileira de Ocupações (CBO)

	GRUPO	OCUPAÇÃO
Trabalhadores diretos	Artes performáticas	Coreógrafos e bailarinos; Atores, diretores de espetáculos e afins; Bailarinos de danças populares; Palhaços, acrobatas e afins; Compositores, músicos e cantores; Músicos e cantores populares;
	Escritores	Escritores e redatores;
	Artesanato	Ceramistas (preparação e fabricação); Vidreiros e ceramistas (acabamento e decoração) Trabalhadores artesanais da tecelagem; Trabalhadores artesanais da confecção de roupas; Trabalhadores artesanais da confecção de calçados e artefatos de couros e peles;
Trabalhadores indiretos	Artes performáticas	Apresentadores de espetáculos; Produtores de espetáculos;
	Artes visuais	Desenhistas industriais ( <i>designers</i> ), escultores, pintores e afins; Decoradores de interiores e cenógrafos; Fotógrafos; Cinegrafistas;
	Informação	Arquivologistas e museólogos; Técnicos em biblioteconomia; Técnicos em museologia;
	Mídia e comunicação	Especialistas em editoração; Profissionais de marketing, publicidade e comercialização Profissionais do jornalismo; Profissionais da informação; Filólogos, tradutores e intérpretes; Locutores e comentaristas; Técnicos em operação de estação de rádio; Técnicos em operação de estação de televisão; Técnicos em operação de aparelhos de sonorização; Técnicos em operação de aparelhos de cenografia; Técnicos em operação de aparelhos de projeção;
	Artes gráficas	Técnicos em artes gráficas; Supervisores das artes gráficas; Trabalhadores polivalentes das artes gráficas; Trabalhadores da pré-impressão gráfica; Trabalhadores da impressão gráfica;

	Trabalhadores do acabamento gráfico; Trabalhadores de laboratório fotográfico; Trabalhadores tipográficos, linotipistas e afins; Encadernadores e recuperadores de livros (pequenos lotes ou a unidade);
Outros	Agentes de fiscalização de espetáculos e meios de comunicação; Reparadores de instrumentais musicais; Mantenedores de equipamentos de lazer.

Vale destacar a existência de um conjunto de trabalhadores que seria classificado, de acordo com Markusen et al (2008), no grupo de trabalhadores diretos: os escultores, pintores e cenógrafos. Tais ocupações foram inseridas no grupo dos trabalhadores indiretos devido à definição da CBO não distingui-los de outros trabalhadores. No caso dos escultores e pintores, a existência dos *designers* no mesmo grupo levaria a estimativas viesadas para tais ocupações, enquanto no caso dos cenógrafos, a ocupação que distorceria os resultados é a de decoradores de interiores.

Além disso, é importante ressaltar que nas ocupações referentes ao artesanato só foram entendidos como trabalhadores da cultura aqueles que trabalham como conta-própria, devido à própria natureza da atividade artesanal.

Nas regressões, foram considerados todos os indivíduos acima de 10 anos de idade, considerados ocupados na semana de referência e com rendimento positivo. A variável explicada das regressões é o rendimento bruto do trabalho principal do indivíduo.

## 6 RESULTADOS

### 6.1 Análise de *clusters*

O quadro 3 apresenta os municípios classificados dentro dos *clusters* pelo método *k-means* com 5 grupos utilizando o coeficiente de concordância simples. O primeiro fato notável é que as capitais incluídas na amostra foram agrupadas juntas, no *cluster 5*. Junto delas, estão algumas cidades das RM's de Recife, Belo Horizonte, São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre as quais, possivelmente pela proximidade às capitais, compartilham características culturais semelhantes a estas.

O *cluster 1* é o que contém o maior número de elementos, abrangendo municípios de todas as RM's. Já o *cluster 3* é o menor, não contendo elementos das RM's de Belém, Recife e Salvador. Observa-se uma concentração dos municípios da RM de Fortaleza no *cluster 1*, enquanto o *cluster 4* é composto principalmente por municípios da RM de Belo Horizonte.

QUADRO 3  
Municípios por *cluster* – método *k-means*

	<i>CLUSTER 1</i>	<i>CLUSTER 2</i>	<i>CLUSTER 3</i>	<i>CLUSTER 4</i>	<i>CLUSTER 5</i>
<b>RM de Belém</b>	Ananindeua			Benevides, Marituba, Santa Bárbara do Pará	Belém
<b>RM de Fortaleza</b>	Aquiraz, Caucaia, Euzébio, Guaiúba, Horizonte, Maracanaú, Maranguape, Pacajus, Pacatuba	São Gonçalo do Amarante	Chorozinho	Itaitinga	Fortaleza
<b>RM de Recife</b>	Camaragibe, Igarassu, Jaboatão dos Guararapes, Moreno, Paulista, São Lourenço da Mata	Araçoiaba, Cabo de Santo Agostinho		Abreu e Lima, Ilha de Itamaracá, Itapissuma	Ipojuca, Olinda, Recife
<b>RM de Salvador</b>	Camaçari, Lauro de Freitas, Madre de Deus, Simões Filho	Candeias, Itaparica, Vera Cruz		Dias D'Ávila, São Francisco do Conde	Salvador
<b>RM de Belo</b>	Brumadinho, Matozinhos, Nova	Caeté, Ibitité, Igarapé, Juatuba,	Baldim, Florestal, Mário	Capim Branco, Confins,	Betim, Belo Horizonte,

<b>Horizonte</b>	Lima, Ribeirão das Neves, Sabará, São Joaquim de Bicas, Vespasiano	Lagoa Santa, Mateus Leme, Pedro Leopoldo, Santa Luzia	Campos, Nova União, Taquaraçu de Minas	Esmeraldas, Itaguara, Itatiaiuçu, Jaboticatubas, Raposos, Rio Acima, Rio Manso, Sarzedo, São José da Lapa	Contagem
<b>RM do Rio de Janeiro</b>	Belford Roxo, Duque de Caxias, Nova Iguaçu, Paracambi, São João de Meriti	Itaboraí, Japeri, Magé, Queimados, Tanguá	Guapimirim	Seropédica	Mesquita, Nilópolis, Niterói, Rio de Janeiro, São Gonçalo
<b>RM de São Paulo</b>	Barueri, Caieiras, Carapicuíba, Cotia, Embu, Embu-Guaçu, Francisco Morato, Franco da Rocha, Itaquaquecetuba, Mauá, Mogi das Cruzes, Ribeirão Pires, Santa Isabel, Santana de Parnaíba	Arujá, Cajamar, Guararema, Itapeverica da Serra, Itapevi, Jandira, Mairiporã, Pirapora do Bom Jesus, Rio Grande da Serra, Vargem Grande Paulista	Biritiba-Mirim, Juquitiba, Poá, Salesópolis, São Lourenço da Serra	Ferraz de Vasconcelos	Diadema, Guarulhos, Osasco, Suzano, Santo André, São Paulo, São Bernardo do Campo, São Caetano do Sul, Taboão da Serra
<b>RM de Curitiba</b>	Araucária, Campina Grande do Sul, Campo Largo, Colombo, Fazenda Rio Grande, Lapa, Pinhais, São José dos Pinhais, Tunas do Paraná	Almirante Tamandaré, Balsa Nova, Cerro Azul, Mandirituba, Piraquara, Quatro Barras, Tijucas do Sul	Adrianópolis, Agudos do Sul, Bocaiúva do Sul, Contenda, Doutor Ulysses, Itaperuçu, Quitandinha	Campo Magro	Curitiba
<b>RM de Porto Alegre</b>	Araricá, Dois Irmãos, Esteio, Gravataí, Ivoti, Montenegro, Nova Hartz, Novo Hamburgo, Santo Antônio da Patrulha, Sapucaia do Sul, São Jerônimo, Taquara, Triunfo, Viamão	Alvorada, Campo Bom, Estância Velha, Nova Santa Rita, Portão	Capela de Santana, Glorinha, Parobé	Arroio dos Ratos, Eldorado do Sul	Cachoeirinha, Canoas, Charqueadas, Guaíba, Sapiranga, São Leopoldo, Porto Alegre
<b>Brasília</b>					Brasília

A Tab. 1 mostra as estatísticas descritivas para os *clusters* considerados. Os valores apresentados equivalem à porcentagem dos municípios pertencentes ao *cluster* que atendem à característica referida, à exceção das variáveis acompanhadas do símbolo (\*), para as quais são apresentadas suas médias dentro dos *clusters*.

TABELA 1  
Caracterização dos *clusters* gerados

VARIÁVEIS	CLUSTER 1	CLUSTER 2	CLUSTER 3	CLUSTER 4	CLUSTER 5
Número de municípios	74	41	22	25	28
<b>Variáveis referentes ao órgão gestor da cultura e suas atividades</b>					
Órgão gestor exclusivo de cultura	23.0	3.0	7.3	20.0	71.4
Política municipal de cultura	89.2	90.2	59.1	48.0	92.9
Adesão ao Sistema Nacional de Cultura	54.1	58.5	27.3	40.0	75.0
Incentivo fiscal à pessoa física	12.2	12.2	4.6	4.0	42.9

Financiamento público	6.8	0.0	0.0	8.0	42.9
Outros incentivos	1.4	2.4	0.0	0.0	0.0
Legislação de proteção ao patrimônio cultural	36.5	31.7	22.7	44.0	67.9
Conselho Municipal de Cultura	36.5	19.5	13.6	48.0	50.0
Média despesa da função Cultura em relação à arrecadação municipal (*)	1.3	0.7	0.5	1.6	0.9
Projeto de implementação de turismo cultural	64.9	46.3	13.6	52.0	75.0
Financiamento ou patrocínio de filmes	8.1	2.4	0.0	4.0	75.0
Financiamento ou patrocínio de peças teatrais	60.8	14.6	4.6	40.0	78.6
Financiamento ou patrocínio de publicações culturais	29.7	4.9	13.6	20.0	82.1
Financiamento ou patrocínio de festas populares	94.6	51.2	59.1	92.0	89.3
Financiamento ou patrocínio de outros eventos na área da cultura	96.0	48.8	54.6	92.0	89.3
<b>Variáveis relacionadas à existência de atividades culturais e de grupos artísticos</b>					
Existência de escola, oficina ou curso regular de formação em atividades típicas da cultura	87.8	73.2	31.8	72.0	92.9
Nº médio de tipos de concurso cultural (*)	2.3	0.8	1.0	1.2	5.3
Nº médio de tipos de festival cultural (*)	3.7	1.9	1.1	3.1	5.9
Nº médio de tipos de feira cultural (*)	1.4	1.0	0.5	1.1	2.0
Nº médio de tipos de exposição cultural (*)	3.4	1.9	0.8	1.4	4.7
Existência de grupo de teatro	93.2	87.8	31.8	72.0	100.0
Existência de grupo ligado a manifestação tradicional popular	98.7	87.8	54.6	92.0	100.0
Existência de grupo de dança	94.6	82.9	45.5	80.0	89.3
Existência de grupo musical	83.8	87.8	22.7	76.0	82.1
Existência de escola de samba ou bloco carnavalesco	62.2	41.5	31.8	76.0	89.3
Existência de grupo artístico ligado às artes plásticas e visuais	85.1	70.7	27.3	24.0	82.1
Existência de grupo artístico ligado ao artesanato	94.6	82.9	40.9	80.0	89.3
Existência de outros grupos culturais	24.3	7.3	9.1	0.0	50.0
Existência de orquestra, banda ou coral	98.7	90.2	63.6	100.0	96.4
Existência de cineclube	13.5	2.4	0.0	0.0	82.1
Existência de associação literária	37.8	12.2	0.0	8.0	92.9
Existência de circo	8.1	9.8	0.0	0.0	53.6
<b>Variáveis relacionadas ao equipamento cultural do município</b>					
Existência de biblioteca pública	97.3	95.1	90.9	100.0	100.0
Existência de museu	51.4	31.7	27.3	8.0	85.7
Existência de teatro	74.3	46.3	100.0	12.0	89.3
Existência de centro cultural	77.0	19.5	18.2	8.0	78.6
Existência de estádio ou ginásio poliesportivo	96.0	92.7	86.4	80.0	96.4
Existência de cinema	32.4	12.2	0.0	4.0	82.1
Existência de jornal ou revista impressa localmente	86.5	90.2	50.0	48.0	100.0
Existência de rádio local	67.6	48.8	27.3	40.0	82.1

Existência de televisão ou rádio comunitária	73.0	51.2	22.7	64.0	75.0
Existência de provedor de Internet	51.4	56.1	27.3	28.0	82.1
Média de canais de TV aberta captados no município (*)	5.4	5.6	4.5	5.2	5.9
Existência de <i>shopping Center</i>	48.7	12.2	0.0	4.0	89.3
Existência de livraria	63.5	39.0	18.2	12.0	92.9
Existência de locadora	98.7	100.0	86.4	92.0	100.0
Existência de loja de discos, CD's, fitas e DVD's	97.3	73.2	63.6	44.0	100.0

Como se pode observar, o *cluster 5* apresenta os maiores valores em praticamente todas as variáveis, o que caracteriza um ambiente cultural superior aos dos municípios dos demais *clusters*. A maior distância desse grupo com relação aos demais ocorre quanto ao primeiro grupo de variáveis: destacam-se as porcentagens referentes à existência de órgão gestor exclusivo de cultura e de legislação de fomento à cultura atuando através de incentivos fiscais à pessoa física ou de financiamentos e patrocínios, além da existência de projetos de proteção ao patrimônio e de incentivo ao turismo cultural. Pode-se dizer, portanto, que o *cluster 5* se destaca positivamente em termos de sua política cultural.

O *cluster 1* apresenta alta proporção de municípios que declararam ter política municipal de cultura e terem aderido ao Sistema Nacional de Cultura, e boa parte deles realizou financiamentos de atividades artísticas entre 2001 e 2005 e possui projetos de incentivo ao turismo cultural e legislação de proteção ao patrimônio cultural. Já o *cluster 4* é o que tem maior média de gastos com cultura (com relação à arrecadação municipal), além de apresentar valores razoáveis para as demais variáveis.

Os *clusters 2* e *3* são os que apresentam os piores indicadores para o primeiro grupo de variáveis. Eles são compostos dos municípios que menos investem em cultura, apresentando pouca participação da sociedade civil em suas decisões de política cultural (baixa porcentagem de municípios com Conselho Municipal de Cultura) e apenas parte deles apresenta apoio à preservação do patrimônio e projetos de turismo cultural. Nas estatísticas descritivas desse primeiro grupo de variáveis, é notável a baixa porcentagem de municípios que financiam ou patrocinam a indústria cinematográfica em todos os *clusters*, à exceção do quinto. Além disso, a concessão de incentivos fiscais e o financiamento público de projetos culturais também é bastante baixa nos quatro primeiros *clusters*. Essas variáveis indicam a carência de políticas públicas municipais na área da cultura, políticas essas de extrema importância econômica e social para essas localidades.

A partir das estatísticas referentes ao segundo grupo de variáveis pode-se ter uma idéia do grau de diversidade de grupos e atividades artísticas nos municípios. Nota-se novamente a preponderância dos municípios do *cluster 5* com relação aos demais, seguido do *cluster 1*. Por outro lado, o *cluster 3* é o que apresenta os piores resultados para a maioria das variáveis. Os *clusters 2* e *4* ficam em posição intermediária, sendo que o segundo apresenta indicadores superiores ao quarto para a maioria das variáveis.

Já as variáveis relacionadas ao equipamento cultural do município indicam grande disparidade entre os *clusters*, sobretudo com respeito à existência de museus, teatros, centros culturais e cinemas. Nesses quesitos, o *cluster 4* aparece em pior posição que os demais. O *cluster 3* ficaria na penúltima posição, não possuindo nenhum município com cinema nem *shopping center*. Novamente percebe-se a preponderância do grupo 5, dessa vez seguidos dos grupos 1 e 2.

De modo geral, pode-se concluir que: 1) o grupo 5 é o que apresenta os melhores indicadores no que diz respeito à política cultural, à existência de atividades e grupos artísticos e ao equipamento cultural do município, e a distância deste com relação aos demais é notável; 2) o *cluster 2* é composto por municípios com política cultural razoável, que em média gastam mais em cultura que os municípios do grupo 5; grande parte desses municípios apresentam grande diversidade de grupos e atividades artísticas, o que faz com que ele se assemelhe ao 5 nesse quesito; além disso, a porcentagem dos municípios com equipamentos culturais é alta, perdendo apenas para os valores do quinto grupo; 3) o *cluster 4*, embora tenha indicadores de política cultural razoáveis em relação aos dos grupos 2 e 3, é o que apresenta os piores indicadores de equipamento cultural e baixos valores de algumas atividades culturais; 4) O grupo 2 configura-se de municípios que em boa parte possuem equipamentos culturais e grupos e atividades artísticas; além disso, parte deles declaram ter políticas culturais ativas, no entanto apresentam baixos

níveis de investimento em cultura e financiamento ou patrocínio de atividades culturais; 5) O grupo 3 apresenta as piores porcentagens para a maioria das variáveis, configurando ambientes culturais menos diversificados e com uma política cultural menos ativa.

## 6.2 Regressões mincerianas

A Tab. 2 mostra os resultados das regressões mincerianas para os ocupados maiores de 10 anos de idade e com rendimento positivo nas nove regiões metropolitanas selecionadas e no município de Brasília. Todas as regressões foram estimadas utilizando a matriz de variâncias e covariâncias de White devido a altos índices de heteroscedasticidade detectados.

As três primeiras regressões foram estimadas para a amostra de todos os ocupados. Como se pode observar, os retornos da educação são crescentes entre os grupos educacionais para as três estimações. O efeito da variável idade é positivo, como esperado, enquanto o coeficiente de seu termo quadrático é negativo, indicando os retornos decrescentes da experiência que se espera captar com essa variável. Já as *dummies* indicadoras das regiões metropolitanas indicam que existe um componente regional forte no que tange aos determinantes dos rendimentos dos ocupados. Em média, os ocupados das regiões metropolitanas de Fortaleza e Recife têm rendimentos inferiores aos dos de Belém (base das *dummies* de região metropolitana), enquanto as outras localidades parecem estar acima da média de Belém. Os maiores rendimentos parecem ocorrer em Brasília, seguidos dos de São Paulo e Curitiba. As *dummies* de raça, gênero e chefe de família indicam a desigualdade existente no mercado de trabalho.

No primeiro modelo, os trabalhadores da cultura são agrupados apenas em dois grandes grupos: diretos e indiretos. Os parâmetros indicam que a média salarial desses trabalhadores é superior à dos trabalhadores da agricultura, que correspondem à base das *dummies* ocupacionais. Os resultados mostram ainda que o rendimento dos trabalhadores diretos é superior ao dos indiretos.

No segundo e terceiro modelos, são incluídas *dummies* ocupacionais de acordo com os grandes grupos definidos na Classificação Brasileira de Ocupações do IBGE. No modelo 2, a inclusão das *dummies* faz com que os parâmetros das ocupações culturais sejam maiores; no entanto, a diferença entre os trabalhadores diretos e indiretos permanece. No modelo 3, fica clara a diferença de rendimentos dentro do grupo dos trabalhadores da cultura: os trabalhadores das artes performáticas (diretos e indiretos) parecem ser o grupo com maiores rendimentos, seguidos dos escritores, mídia e comunicação e artes gráficas. Ressalta-se a baixa significância do coeficiente da *dummy* de artesanato, indicando pouca diferença entre essas ocupações e as agrícolas (base das *dummies* de ocupação).

TABELA 2  
Regressões mincerianas

	MODELO 1	MODELO 2	MODELO 3	MODELO 4	MODELO 5	MODELO 6
Anos de estudo						
1 a 3	0.159*** (0.003)	0.142*** (0.003)	0.143*** (0.003)	0.108** (0.050)	0.118*** (0.045)	0.132*** (0.048)
4 a 7	0.339*** (0.003)	0.300*** (0.003)	0.301*** (0.003)	0.381*** (0.046)	0.347*** (0.041)	0.363*** (0.044)
8 a 11	0.792*** (0.003)	0.631*** (0.003)	0.629*** (0.003)	0.880*** (0.045)	0.716*** (0.041)	0.714*** (0.044)
12 a 14	1.476*** (0.004)	1.118*** (0.004)	1.108*** (0.004)	1.433*** (0.047)	1.133*** (0.043)	1.129*** (0.046)
15 ou mais	1.955*** (0.003)	1.456*** (0.004)	1.443*** (0.004)	1.755*** (0.046)	1.420*** (0.042)	1.417*** (0.045)
Idade	0.055*** (0.000)	0.053*** (0.000)	0.053*** (0.000)	0.054*** (0.002)	0.057*** (0.002)	0.057*** (0.002)
Idade <sup>2</sup>	-0.000*** (0.000)	-0.000*** (0.000)	-0.000*** (0.000)	-0.001*** (0.000)	-0.001*** (0.000)	-0.001*** (0.000)
RM Fortaleza	-0.057*** (0.004)	-0.065*** (0.004)	-0.064*** (0.004)	-0.081** (0.036)	-0.055 (0.034)	
RM Recife	-0.067***	-0.065***	-0.065***	-0.006	-0.004	

RM Salvador	(0.004) 0.040***	(0.004) 0.028***	(0.004) 0.026***	(0.035) 0.138***	(0.034) 0.085**	
RM Belo Horizonte	(0.004) 0.207***	(0.004) 0.199***	(0.004) 0.200***	(0.036) 0.181***	(0.034) 0.236***	
RM Rio de Janeiro	(0.004) 0.238***	(0.004) 0.242***	(0.004) 0.242***	(0.032) 0.318***	(0.031) 0.305***	
RM São Paulo	(0.004) 0.450***	(0.003) 0.455***	(0.003) 0.455***	(0.030) 0.458***	(0.029) 0.486***	
RM Curitiba	(0.003) 0.276***	(0.003) 0.280***	(0.003) 0.281***	(0.029) 0.235***	(0.028) 0.268***	
RM Porto Alegre	(0.004) 0.219***	(0.004) 0.227***	(0.004) 0.228***	(0.034) 0.102***	(0.032) 0.153***	
RM Brasília	(0.004) 0.464***	(0.004) 0.454***	(0.004) 0.454***	(0.032) 0.540***	(0.031) 0.549***	
Formal	(0.004) 0.107***	(0.004) 0.074***	(0.004) 0.073***	(0.037) 0.170***	(0.035) 0.154***	0.175***
Branco	(0.001) 0.195***	(0.001) 0.160***	(0.001) 0.159***	(0.009) 0.238***	(0.009) 0.218***	(0.009) 0.277***
Chefe	(0.001) 0.139***	(0.001) 0.139***	(0.001) 0.139***	(0.010) 0.203***	(0.010) 0.196***	(0.009) 0.204***
Homem	(0.001) 0.223***	(0.001) 0.193***	(0.001) 0.193***	(0.010) 0.189***	(0.010) 0.144***	(0.010) 0.143***
Cultura_diretos	(0.013) 0.594***	(0.014) 0.957***				
Cultura_indiretos	(0.006) 0.276***	(0.008) 0.658***		-0.335*** (0.013)		
Artes performáticas (diretos)			1.297*** (0.015)		0.902*** (0.078)	0.895*** (0.077)
Escritores			0.907*** (0.029)		0.500*** (0.082)	0.531*** (0.081)
Artesanato			0.038* (0.021)		-0.350*** (0.080)	-0.338*** (0.078)
Artes performáticas (indiretos)			0.971*** (0.018)		0.554*** (0.079)	0.561*** (0.077)
Artes visuais			0.537*** (0.011)		0.134* (0.078)	0.138* (0.076)
Informação			0.509*** (0.077)		0.095 (0.109)	0.061 (0.110)
Mídia e comunicação			0.897*** (0.010)		0.477*** (0.078)	0.484*** (0.076)
Artes gráficas			0.463*** (0.009)		0.033 (0.077)	0.080 (0.075)
Outros			Excluído -			
Cluster 2						0.002 (0.025)
Cluster 3						-0.080 (0.064)
Cluster 4						-0.065 (0.046)
Cluster 5						0.238*** (0.012)
Dummies de atividade	Sim	Não	Não	-	-	-
Dummies de ocupação	Não	Sim	Sim	-	-	-
Constante	-1.858***	-1.907***	-1.905***	-1.260***	-1.720***	-1.661***

	(0.008)	(0.009)	(0.009)	(0.066)	(0.096)	(0.093)
Observações	2035642	2035642	2035642	45701	45701	45601
R <sup>2</sup>	0.48	0.52	0.52	0.38	0.43	0.42

Obs.: Desvios-padrão entre parênteses; \* significativa a 10%; \*\* significativa a 5%; \*\*\* significativa a 1%

Os modelos 4 e 5 foram estimados apenas para os ocupados do setor cultural. Os resultados indicam a mesma tendência dos modelos anteriores: efeitos crescentes da educação sobre os salários, efeitos positivos da experiência e da formalidade e desigualdade salarial de gênero e raça. No modelo 5 a base das *dummies* ocupacionais é o grupo “Outros”, o que explica a mudança de alguns coeficientes. Nessa regressão, os parâmetros das *dummies* dos grupos de artes visuais, informação e artes gráficas são não-significativos, enquanto o do grupo de artes visuais é significativo a apenas 10%. Novamente, o grupo de artes performáticas (diretos e indiretos) é o que parece apresentar maior rendimento, seguidos de escritores, mídia e comunicação e artes visuais; o grupo do artesanato é o que apresenta o menor rendimento. Nota-se que as *dummies* das regiões metropolitanas de Fortaleza e Recife não são significativas em nenhuma das estimações, indicando ausência de diferença entre essas localidades e a região metropolitana de Belém (base dessa *dummy*).

Foi estimada ainda uma equação com variáveis indicadoras dos *clusters* criados em substituição às variáveis correspondentes às RM's (modelo 6). Dessas variáveis, a única cujo parâmetro foi significativo foi a referente ao *cluster* 5, indicando que a única diferença regional significativa sobre os salários ocorre entre residir nas capitais (ou em municípios de ambiente cultural semelhante) ou não. Em outras palavras, as localidades de melhor ambiente cultural são aquelas nas quais os salários dos ocupados com cultura são mais altos, e não há diferença significativa entre os salários nas demais localidades.

### 6.3 Regressões quantílicas

A Tab. 3 mostra os resultados das regressões quantílicas estimadas para os percentis 0,10, 0,25, 0,50, 0,75 e .90 para a amostra dos ocupados no setor cultural.

TABELA 3  
Regressões quantílicas para os ocupados com cultura

	QUANTIL 0,10	QUANTIL 0,25	QUANTIL 0,50	QUANTIL 0,75	QUANTIL 0,90
Anos de estudo					
1 a 3	0.033 (0.062)	0.122** (0.047)	0.116*** (0.045)	0.088 (0.055)	0.108 (0.074)
4 a 7	0.300*** (0.057)	0.360*** (0.044)	0.334*** (0.041)	0.276*** (0.051)	0.276*** (0.068)
8 a 11	0.594*** (0.056)	0.650*** (0.043)	0.673*** (0.041)	0.664*** (0.050)	0.684*** (0.068)
12 a 14	1.035*** (0.058)	1.119*** (0.045)	1.123*** (0.043)	1.081*** (0.053)	1.052*** (0.072)
15 ou mais	1.362*** (0.058)	1.452*** (0.044)	1.449*** (0.042)	1.363*** (0.052)	1.302*** (0.070)
Idade	0.060*** (0.002)	0.063*** (0.002)	0.065*** (0.002)	0.063*** (0.002)	0.057*** (0.003)
Idade <sup>2</sup>	-0.001*** (0.000)	-0.001*** (0.000)	-0.001*** (0.000)	-0.001*** (0.000)	-0.000*** (0.000)
RM Fortaleza	-0.104** (0.046)	-0.053 (0.035)	-0.026 (0.033)	0.000 (0.041)	-0.023 (0.055)
RM Recife	-0.005 (0.047)	-0.004 (0.035)	0.029 (0.033)	0.021 (0.041)	-0.023 (0.056)
RM Salvador	0.026 (0.046)	0.075** (0.035)	0.121*** (0.032)	0.148*** (0.040)	0.125** (0.055)
RM Belo Horizonte	0.285*** (0.043)	0.246*** (0.032)	0.277*** (0.030)	0.225*** (0.037)	0.178*** (0.051)
RM Rio de Janeiro	0.311***	0.322***	0.346***	0.297***	0.260***

	(0.040)	(0.030)	(0.028)	(0.035)	(0.047)
RM São Paulo	0.544***	0.540***	0.526***	0.479***	0.391***
	(0.039)	(0.030)	(0.028)	(0.034)	(0.047)
RM Curitiba	0.365***	0.325***	0.293***	0.234***	0.159***
	(0.046)	(0.035)	(0.032)	(0.040)	(0.054)
RM Porto Alegre	0.240***	0.229***	0.217***	0.139***	0.003
	(0.044)	(0.033)	(0.031)	(0.038)	(0.052)
RM Brasília	0.510***	0.555***	0.572***	0.575***	0.487***
	(0.050)	(0.038)	(0.035)	(0.044)	(0.060)
Formal	0.316***	0.223***	0.142***	0.072***	-0.010
	(0.014)	(0.011)	(0.010)	(0.013)	(0.018)
Branco	0.183***	0.184***	0.207***	0.237***	0.246***
	(0.014)	(0.011)	(0.010)	(0.013)	(0.017)
Chefe	0.182***	0.196***	0.199***	0.200***	0.197***
	(0.015)	(0.011)	(0.010)	(0.013)	(0.017)
Homem	0.184***	0.176***	0.158***	0.131***	0.114***
	(0.014)	(0.011)	(0.010)	(0.012)	(0.016)
Artes performáticas (diretos)	0.630***	0.667***	0.809***	1.076***	1.205***
	(0.132)	(0.097)	(0.089)	(0.110)	(0.142)
Escritores	0.384***	0.355***	0.411***	0.539***	0.539***
	(0.137)	(0.101)	(0.093)	(0.115)	(0.149)
Artesanato	-0.398***	-0.399***	-0.373***	-0.289***	-0.360**
	(0.134)	(0.099)	(0.091)	(0.112)	(0.145)
Artes performáticas (indiretos)	0.398***	0.406***	0.472***	0.635***	0.732***
	(0.133)	(0.098)	(0.090)	(0.110)	(0.144)
Artes visuais	-0.008	-0.000	0.063	0.253**	0.302**
	(0.131)	(0.097)	(0.089)	(0.109)	(0.142)
Informação	-0.043	0.097	0.180	0.175	-0.090
	(0.179)	(0.133)	(0.122)	(0.149)	(0.196)
Mídia e comunicação	0.433***	0.382***	0.410***	0.534***	0.491***
	(0.131)	(0.097)	(0.089)	(0.109)	(0.142)
Artes gráficas	0.147	0.041	-0.022	0.027	-0.062
	(0.131)	(0.097)	(0.089)	(0.109)	(0.141)
Constante	-2.593***	-2.238***	-1.870***	-1.382***	-0.668***
	(0.153)	(0.113)	(0.105)	(0.129)	(0.169)
Observações	45701	45701	45701	45701	45701
Pseudo-R <sup>2</sup>	0.26	0.28	0.28	0.27	0.23

Obs.: Desvios-padrão entre parênteses; \* significante a 10%; \*\* significante a 5%; \*\*\* significante a 1%

Os resultados das regressões quantílicas mostram algumas variáveis cujo efeito sobre o logaritmo do rendimento-hora não muda significativamente ao longo da distribuição condicional desta variável: idade, idade ao quadrado e chefe. Em outras palavras, o efeito da experiência sobre os salários é aproximadamente o mesmo para os diferentes níveis salariais. O mesmo ocorrendo para a posição na família.

No que diz respeito às *dummies* de escolaridade, nota-se que os efeitos da maior escolaridade sobre o salário são menores quando se enfatiza os extremos da distribuição. No entanto, esses efeitos são crescentes com a escolaridade em todas as estimações. Nota-se ainda que não há diferença entre o primeiro grupo de escolaridade e os sem escolaridade (base da *dummy*) para os quantis extremos.

Quanto às *dummies* regionais, nota-se que, para todas as faixas de rendimento, não há diferença significativa entre localizar-se em Recife ou Belém. Para a região metropolitana de Fortaleza, a diferença entre residir nessa localidade ou em Belém só ocorre para o decil mais baixo da distribuição de salários. Para as demais regiões, as diferenças entre essas regiões e a média são maiores para o decil de menores rendimentos que para o decil dos maiores rendimentos. Em outras palavras, a desigualdade entre as regiões, controlando para os demais fatores, parece ser menor para os indivíduos mais bem remunerados que para os de menor remuneração.

O efeito da formalidade sobre os rendimentos também é maior para a parte mais baixa da distribuição e decresce claramente entre as regressões estimadas, sendo não-significativa na última. Já o efeito do

gênero é crescente entre os quantis, indicando que a discriminação de gênero parece maior no decil correspondente aos maiores rendimentos.

No que diz respeito às variáveis indicadoras das ocupações culturais, percebe-se que as médias salariais dos ocupados das artes performáticas (diretos e indiretos) são as que mais crescem ao longo da distribuição. Os rendimentos dos escritores também crescem ao longo da distribuição, enquanto os profissionais do artesanato e de mídia e comunicação não têm seus rendimentos médios alterados significativamente ao longo da distribuição. Apenas para os quantis 0,75 e 0,90 os profissionais das artes visuais têm seu rendimento acima da média. Para os ocupados com informação e artes gráficas, os rendimentos não parecem diferentes da média em nenhuma das regressões.

A estimação dos desvios-padrão apresentada foi feita assumindo resíduos homoscedásticos. Os testes de heteroscedasticidade realizados para a estimação por MQO mostraram que este não é o caso, de modo que uma estimação por *bootstrapping* seria mais adequada. Essa estimação foi realizada com cinquenta replicações, e os únicos parâmetros cuja significância foi alterada foram os relativos à RM de Fortaleza, que se tornou significativa a 5% na segunda estimação e a 1 % na terceira.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, buscou-se realizar uma descrição do ambiente cultural nos municípios das RM'S brasileiras, além dos principais determinantes dos rendimentos dos trabalhadores do setor cultural.

A análise de *clusters* indicou que as capitais, acompanhadas de alguns municípios de parte das RM's, constituem o grupo de melhor ambiente cultural entre os municípios constituintes da amostra analisada. Os demais grupos são constituídos de municípios com menor diversidade de grupos e atividades artísticas, equipamentos culturais e instrumentos de política.

As regressões mincerianas indicaram efeitos crescentes da educação sobre os salários dos ocupados com cultura, efeitos positivos da experiência e da formalidade e desigualdade salarial de gênero e raça. O grupo de trabalhadores das artes performáticas (diretos e indiretos) é o que parece apresentar maior rendimento, seguidos de escritores, mídia e comunicação e artes visuais; o grupo do artesanato é o que apresenta o menor rendimento. Além disso, ao se controlar para os *clusters* criados, percebe-se que única diferença regional significativa sobre os salários ocorre entre residir no *cluster* 5 (capitais ou municípios de ambiente cultural semelhante) ou não.

A análise ao longo da distribuição dos salários indica que os efeitos da experiência e da posição na família são aproximadamente os mesmos para os diferentes níveis salariais. Já os retornos da educação são menores quando se enfatiza os extremos da distribuição. A desigualdade entre as regiões, controlando para os demais fatores, parece ser menor para os indivíduos mais bem remunerados que para os de menor remuneração. O efeito da formalidade sobre os rendimentos também é maior para a parte mais baixa da distribuição e decresce claramente entre as regressões estimadas. Já a discriminação de gênero parece crescer ao longo da distribuição.

No que diz respeito às variáveis indicadoras das ocupações culturais, percebe-se que as médias salariais dos ocupados das artes performáticas (diretos e indiretos) são as que mais crescem ao longo da distribuição. Os rendimentos dos escritores seguem o mesmo comportamento, enquanto os profissionais do artesanato e de mídia e comunicação não têm seus rendimentos médios alterados significativamente ao longo da distribuição.

Este trabalho pretende contribuir para o debate acerca do setor cultural e suas implicações sobre o desenvolvimento econômico ao apresentar uma análise desse setor sob os enfoques das localidades e das ocupações. Diante da importância do tema, outros trabalhos se fazem necessários, relacionando o setor, por exemplo, a níveis regionais de inovação, atração de empresas e trabalhadores, entre outras variáveis.

## 8 REFERÊNCIAS

BAUMOL, William; BOWEN, William. **Performing arts: the economic dilemma**. Massachussets: Yale University Press, 1969.

BECKER, Gary S. **The economic approach to human behaviour**. Chicago: University of Chicago Press, 1978.

- CAMERON, Colin A.; TRIVEDI, Pravin K. **Microeconometrics: methods and applications**. New York : Cambridge University Press, 2005.
- FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. **Economia da cultura: reflexões sobre as indústrias culturais no Brasil**. Brasília: Ministério da Cultura, 1988.
- FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. **Diagnóstico dos investimentos em cultura no Brasil**. Belo Horizonte, 1998. V.3.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Perfil dos municípios brasileiros: Pesquisa de Informações Básicas Municipais: Cultura**. Rio de Janeiro, 2007.
- JACOBS, Jane. **The economy of cities**. New York: Random House, 1969.
- JOHNSON, Richard A.; WICHERN, Dean W. **Applied multivariate statistical analysis**. Upper Saddle River: Prentice Hall, 1998.
- LANCASTER, Kelvin J. **Modern consumer theory**. Brookfield: E.E. Publishing Company, 1991.
- LARAIA, Roque de B. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- MARKUSEN, Ann; KING, David. **The artistic dividend: the hidden contributions of the arts to the regional economy**. Minneapolis: University of Minnesota, 2003.
- MARKUSEN, Ann; SCHROCK, Greg. The artistic dividend: urban artistic specialization and economic development implications. **Urban Studies**, Glasgow, v. 43, n. 10, p. 1661-1686, set. 2006.
- MARKUSEN, Ann; WASSAL, Gregory H; DENATALE, Douglas; COHEN, Randy. **Defining the cultural economy: industry and occupational approaches**. *Economic Development Quarterly*, v. 22, p. 24 – 45, fev. 2008.
- MINGOTI, Sueli A. **Análise de dados através de estatística multivariada: uma abordagem aplicada**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.
- MONTEIRO, Daniel J. V. **Economia da cultura: a indústria da música popular**. Monografia de conclusão de curso (Curso de Ciências Econômicas) - Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.
- REIS, Ana Carla F. **Economia da cultura e desenvolvimento sustentável: o caleidoscópio da cultura**. Barueri: Manole, 2007.
- SANTANA, Sylvana; SOUZA, Nícia. **Além da diversão e arte, o pão: o mercado de trabalho da cultura na região metropolitana de Belo Horizonte**. Belo Horizonte: FJP, 2001.
- SILVA, Frederico A. B. da. Economia e política cultural: acesso, emprego e financiamento. **Coleção Cadernos de Política Cultural**, v. 3. Brasília: Ministério da Cultura, 2007.
- STIGLER, G. J. The economics of information. **Journal of Political Economy**, Chicago, v. 69, n. 3, p. 213-225, jun. 1961.
- STORPER, Michael; VENABLES, Anthony J. O burburinho: a força econômica da cidade. In: DINIZ, Clélio C.; LEMOS, Mauro B. **Economia e território**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2005.
- THROSBY, David. **Economics and culture**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- TOLILA, Paul. **Cultura e Economia: problemas, hipóteses, pistas**. São Paulo: Iluminuras Itaú cultural, 2007.
- TYLOR, Edward B. **Primitive Culture** (1871). New York: Harper Torchbooks, 1958.
- WOOLDRIDGE, Jeffrey M. **Introdução à econometria: uma abordagem moderna**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2006.